

EDITORIAL

POR Ana Gaspar Nunes



No passado dia 23 de julho, a VIDA celebrou 23 anos de existência, motivo para festejar, motivo para agradecer, mas também motivo para relembrar.

Relembrar uma jovem voluntária cheia de amor ao próximo que, há 23 anos, teimava em não só mudar a sua vida mas, sobretudo, a vida daqueles que, por vezes, simplesmente desconhecem que são "pessoas". De sorriso aberto e olho vivo, com uma fé inabalável no Outro, Luz Vasconcellos e Souza criava a VIDA com uma única missão, a de "viver e trabalhar com as comunidades mais pobres, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades das pessoas e do potencial da terra onde vivem".

Em Agosto de 1992 foi recebida, com muita desconfiança, na aldeia da Massaca, Moçambique. Perguntaram-lhe o que lhe trazia, ao que respondeu: "Não vos trazemos nada. Vimos trabalhar convosco". Em troca recebeu o silêncio.

Passados 23 anos a VIDA continua a sua missão em Moçambique, agora alargada ao Distrito de Matutuine onde cerca de 5.000 Km² são percorridos semanalmente pela equipa in loco. Os desafios, as dificuldades e algumas desilusões são todos os dias ultrapassados.

O que verdadeiramente interessa, e que a mim me enche a alma, é a obra realizada, vista aquando das idas ao terreno, mas especialmente os testemunhos das comunidades, como o de William Tembe: "Eu capinava de qualquer maneira... eu era um animal, agora sou uma pessoa". A sua tomada de consciência, do Eu pessoa é algo que nos deixa mudos mas que nos faz verdadeiramente pensar. Algo que, para muitos de nós, é supostamente um facto adquirido mas que, na realidade, poucos verdadeiramente o sabem ou sentem.

São estes pequenos nada que para nós, família VIDA, são tudo o que a Luz nos deixou, sermos livres, podermos pensar, decidir mas sobretudo sabermos estar e ouvir, sermos verdadeiramente Pessoas em todo o sentido do que isso implica.

A partida forçada da Luz em março de 2012, deixava-nos uma tarefa que poucos acreditavam ser possível de continuar. Esqueceram, contudo que, do céu, a sua intervenção seria ainda mais forte. O caminho iniciado há 23 anos foi sempre cuidado e semeado: com Amor e Amizade – assim a obra continua, aliás está apenas no começo. O nosso segredo? É tão simples o nosso segredo ... as pessoas... elas são o nosso maior bem e o que, no fim, verdadeiramente importa.

Estar com e trabalhar com fazem toda a diferença. ... a mim, mero peão nesta aventura que é a minha vida desde 1997, resta me agradecer à Luz, às comunidades de Moçambique e da Guiné-Bissau, assim como a todas as equipas que conosco trabalharam e as que ainda trabalham, a amizade, a confiança e a partilha.

Obrigada! Obrigada por estarmos juntas... por construirmos neste mundo alguns cantinhos bons onde as pessoas podem, simplesmente, ser PESSOAS ■

PRODUÇÃO HORTÍCOLA FAMILIAR NO DISTRITO DE MATUTUÍNE: ABRINDO O CAMINHO DA INTEGRAÇÃO NOS MERCADOS

Por Filipa Zacarias & Paulo Cossa

A menos de 1 km de distância de Maputo por ligação marítima, o contínuo territorial de Matutuíne que se inicia na Catembe parece envolto por uma cortina de vaga inexistência. Atravessar de Maputo para a Catembe é ver o gradiente de desigualdade estabelecer-se em alta velocidade (inversamente proporcional à do ferry-boat que cruza a baía a uns vagarosos 5 km/h). Sair do Distrito de Matutuíne para Maputo corresponde complementarmente por isso a sair de dentro de um espelho, tendo que se ultrapassar uma complexa rede de isolamento, que à cabeça traz uma escassa rede viária, ciclicamente entre o transitável e o intransitável e distâncias muitas vezes a percorrer a pé.

A produção hortícola familiar vê-se por isso condicionada a uma participação voltada à estrita subsistência, porque além de não ter como (nem porquê) crescer, carrega também a necessidade do auto-aprovisionamento.

Organizada em Associações de Produtores e a maioria dispendo de extensas áreas ao longo do sinuoso e de férteis margens rio Maputo, às portas de Maputo constrange-a a sua marginalidade.

Mas com a iminência da construção da ponte e da estrada podemos dizer que a 'Montanha está a caminho de Maomé'. Não haverá por isso melhor conjuntura a envolver o ano em que a produção rural do Distrito dá um passo de grande significado no resgate de si própria desse estado latente – perante o que é o seu enorme potencial – e constitui a primeira União de produtores, a UAAMAT: União das Associações Agrárias de Matutuíne, congregando nas suas 25 Associações cerca de 500 famílias e 1100 ha de áreas irrigáveis. Pequenos passos, mas seguros, no sentido da transformação estrutural que permita à pequena produção familiar posicionar-se nos mercados que se aproximam – criando ao mesmo tempo novas oportunidades e mercados dentro do próprio Distrito. ■

Artigo completo em

<http://www.vida.org.pt/wp-content/uploads/2012/02/AG14-Agronegocio-Moçambique.pdf>





Por Rita Pais

No passado mês de maio, o Planeta Vida, juntamente com o Núcleo de Horticultura Sustentável Wakeseed, visitou Tamera.

Na companhia dos nossos alunos e professores, procurámos estabelecer pontes entre conceitos abordados nas sessões do Planeta Vida e um contexto real. Pudemos contactar com soluções práticas que dão resposta efetiva a questões de sustentabilidade, em áreas como a agricultura, a eco construção, a energia e paisagem. Viemos de lá com a certeza de que há múltiplas estratégias para que possamos viver no nosso planeta de forma mais sustentável e tudo se torna exequível e muito mais gratificante quando o fazemos com a nossa comunidade, com a participação das pessoas que estão à nossa volta, para que todos tenham voz e responsabilidades.

Este Projeto é financiado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e por fundos próprios da VIDA



Wakeseed, professoras da ESPJAL e Cidadela e VIDA.



Os princípios da permacultura em prática.



Espaço Aula, eco construção com jardim no telhado.



Visita à estufa.



Os princípios da permacultura em prática.



Funcionamento do forno solar.



Final da visita a 18 de maio.

<http://www.wakeseed.org/>
<http://tamera.org/pt/>

Público-alvo do projeto disponível na newsletter de janeiro - http://www.vida.org.pt/wp-content/uploads/2012/02/NEWSLETTER_Vida.pdf

MOÇAMBIQUE - Testemunho

Por Rute Caeiro

Por entre conversas sobre as culturas agrícolas, da seca que a colheita levou e da chuva que tarda a chegar, ouço o orgulho na voz das agricultoras quando falam das suas plantações de Batata Doce de Polpa Alaranjada (BDPA) – uma variedade altamente nutritiva que foi disseminada pela VIDA através de formações junto das beneficiárias do projeto “Conhecer, Produzir e Nutrir: capacitação das Associações para o reforço da Segurança Alimentar no Distrito de Matutuíne”.



Pelos caminhos que vão de Maputo às localidades do Distrito de Matutuíne vamos acenando a transeuntes que imediatamente reconhecem o carro da ONGD VIDA. Os sorrisos que vamos recebendo são o resultado dos muitos anos de presença continuada e trabalho conjunto entre a VIDA e as comunidades. Estas são muitas e diferentes, no entanto todas unidas pela ligação ao VIDA.



Os momentos mais interessantes do trabalho que fiz com a VIDA proporcionavam-se nos encontros com as comunidades. Para estes acontecerem, pedíamos às mulheres agricultoras para se juntarem no local que já era o habitual.

Projeto financiado por Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e por Fundação Calouste Gulbenkian



O changana rapidamente se torna língua de eleição pelo que, à medida que o tempo passa, consigo cada vez menos perceber e participar na conversa. No entanto, nunca me sinto à parte porque reconheço as palavras que já me habituei a ouvir: “BDPA é vitamina”.

Por todas as localidades em que o VIDA trabalha estas palavras são repetidas vezes e vezes sem conta, não só entre as beneficiárias do projeto mas também por outras pessoas da comunidade. Este é o legado das formações de BDPA: a disseminação e adoção da produção de Batata Doce de Polpa Alaranjada, só possível porque esta “é vitamina”.



Por Patrícia Carvalho

Quadro Comparativo de Taxas de Mortalidade em Portugal e Guiné-Bissau em 2010



	Portugal	Guiné-Bissau	Metas ODM
Mortalidade Infantojuvenil (até aos 5 anos) x 1000 nados vivos	4	150	100
Mortalidade Neonatal (até 1 mês de vida) x 1000 nados vivos	2	40	20
Mortalidade Materna x 100.000 nados vivos	8	790	225
Esperança de vida à nascença	79	49	

In World Health Statistics 2012

Chegou ao fim o segundo ano do Projeto *Tabanka Ku Saudi*. Esta intervenção surge integrada no PIMI (Programa Integrado de Saúde Materno-Infantil), iniciativa que visa reduzir a mortalidade materno-infantil na Guiné-Bissau através de intervenções de alto impacto. Em 2010 os documentos que retratam os principais indicadores de saúde da Guiné-Bissau (MICS e POPEN), referiam uma taxa de mortalidade infantojuvenil, uma taxa de mortalidade neonatal e uma taxa de mortalidade materna com níveis dramáticos (ver quadro). A apresentação destes indicadores, não sei exatamente se por uma questão de conceitos ou de linguagem, por vezes parece que são palavras e números simples, aos quais não conseguimos dar um verdadeiro sentido, como se de um jogo de palavras e números se tratasse. Se passarmos do nível conceptual e materializarmos estas informações, estamos perante um cenário dantesco de morte nos Hospitais, Centros de Saúde e nas Comunidades.

É de morte que falamos, mas falamos assim de uma forma muito suave como se o valor da Vida e da Morte fosse diferente mediante o hemisfério ou o continente que retratamos. Contra factos não há argumentos. E é esta consciência ingénua que, mesmo para aqueles que intervêm, muitas vezes se mantém num inconsciente ou num subconsciente, que tem vindo a resultar em mais um jogo de palavras e números.

Contudo, as várias intervenções, apesar dos inúmeros constrangimentos, vêm se materializando numa redução significativa do número de mães e crianças que morreram nos últimos 2 anos nas regiões de Cacheu, Biombo, Oio e Farim na Guiné-Bissau.

O programa intervém no âmbito da qualidade e gestão dos Serviços de Saúde e na Saúde Comunitária, sendo as agências implementadoras o Instituto Marques de Vale Flor, a EMI e a Unicef (através das ONG VIDA nas regiões de Cacheu e Biombo e da ADPP nas regiões de Oio e Farim), com os cofinanciamentos da União Europeia, Fundação Calouste Gulbenkian e Camões I.P.

Em concreto no âmbito do Projecto Tabanka Ku Saudi que tem o seu foco na saúde comunitária, está operacional uma rede de 778 Agentes de Saúde Comunitária (247 na região de Biombo e 531 na Região de Cacheu) que recebe formação, supervisão, equipamentos e medicamentos para a promoção de 16 Práticas Familiares Essenciais junto dos Agregados Familiares. No final do segundo ano de projeto, avizinham-se mais 12 meses de muita determinação, perseverança, capacidade de trabalho, a que se juntam votos renovados do verdadeiro sentido de conceitos como planificação, indicadores, resultados alcançados e toda a parafernália da teoria da gestão de ciclo de projeto.

Que tenhamos presente a materialização de jogos infinitos de palavras e números. A consciência por si só faz a diferença num mundo de existências alienadas. ▣

Por Luisa Araujo

Como vem sendo habitual, a comunidade é sempre chamada a tomar parte das decisões nos projetos em curso e as “Mutualidades em Saúde” não foram exceção.

Durante o mês de Junho, Julho e início de Agosto foram realizadas assembleias comunitárias em cada uma das aldeias, “tabancas”, que contam com mutualidade em funcionamento.

Nestas assembleias, a comunidade foi responsabilizada pelo presente da mutualidade e foram planeadas soluções para melhorias futuras. Foram sem dúvida momentos de partilha e esclarecimento da comunidade que são fundamentais para o sucesso do projeto.

A Mutualidade de Saúde é um projeto piloto implementado já em 9 tabancas nas áreas sanitárias de Suzana e Varela e que permite garantir os cuidados de saúde básicos nas zonas mais isoladas. ▣



Edjatem – Assembleia comunitária

Projeto Anhacanau Adjanhau cofinanciamento por Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, Fundação Calouste Gulbenkian e UNICEF

Projeto Kópóti pa cudji nô futuro financiado por União Europeia

Por Pedro Santos



Durante o mês de Julho acolhemos, em Suzana (Guiné-Bissau), a Rute Caeiro, o prof. Pedro Vicente e o prof. Paulo Santos. Este grupo de investigadores pertence ao NOVAFRICA, um centro de investigação da Universidade NOVA especializado em Desenvolvimento Económico em África, e que é um dos parceiros do VIDA no projeto “Kópóti pa cudji nô futuro” (“Lavar para colher o nosso futuro”).

Esta equipa será responsável pela realização da avaliação de impacto do projeto, que servirá para conhecer os resultados e as alterações que se espera que este projeto provoque na vida dos agregados beneficiários do projeto.

Tentámos, a todo o custo que, em apenas uma semana, as nossas visitas saíssem do terreno com um quadro o mais completo e amplo possível em termos das especificidades da realidade da nossa zona de intervenção, mas também com uma perceção do panorama nacional em termos de investigação agrária e económica.

Foi uma semana de pura intensidade que se repartiu entre visitas às aldeias, reuniões com as camponesas, reuniões institucionais e uma série de reuniões com a coordenação da VIDA no terreno.

Ainda que derrotados pelo cansaço ao fim de uma semana delirante, saímos com um sorriso no rosto pela satisfação de saber que esta visita, para além de ter servido para melhor conceber a metodologia de investigação a utilizar pelos investigadores, tornou-se também um momento de reflexão que, apoiado pelo conhecimento e experiência dos visitantes, fez surgir questões, sugestões e conselhos que nos permitirão traçar um rumo mais seguro e certo para o bom sucesso do projeto. ▣

A VIDA NUM MINUTO



★ No dia 25 de Maio decorreu a tertúlia sobre o Impacto da Cooperação no desenvolvimento, uma iniciativa da VIDA com a Universidade Lusófona. Depois da sessão de abertura com o Professor Reitor Mário Moutinho, tivemos como oradores os Professores Pedro Vicente, Manuel Antunes e Pedro Pereira Leite. Foram levantadas questões muito pertinentes sobre o conceito de desenvolvimento, as suas políticas e financiamentos e a eficácia da ajuda, nos diferentes países africanos. Porque é necessário abrir a discussão a todos e todas, agradecemos aos participantes.



★ A VIDA, como membro da direção da Plataforma Portuguesa das ONGD, esteve presente na Audição Pública da Assembleia da República Portuguesa: “Guiné-Bissau: Biodiversidade, Desenvolvimento e Cooperação”, onde defendeu o empenho e apoio das ONGD portuguesas na reconstrução do Estado Guineense. A consulta realizou-se no dia 26 de Junho na Sala do Senado da Assembleia da República.



★ Realizou-se, de 9 a 11 de Julho, o XI Congresso Nacional Mutualismo – A Afirmação do Mutualismo – Modernização e Expansão, que decorreu no Parque Europa em Sta. Maria da Feira. A VIDA esteve presente, participando no Painel III: Parcerias na Economia Social, com a comunicação intitulada: A Saúde Comunitária na Base do Desenvolvimento – Sistema de Mutualidade em Saúde na Região de Cacheu, Guiné-Bissau, onde teve oportunidade de partilhar a sua experiência de trabalho com as comunidades guineenses.

★ No próximo dia 24 de Setembro terá lugar a II Oficina de Conhecimento “Código de Conduta – Processos e Metodologias”, organizada pelo Grupo de Ética da Plataforma das ONGDs, ao qual a VIDA pertence. A Oficina terá início às pelas 10h00, na Fundação Calouste Gulbenkian.